Cláudia Álvares/Manuel José Damásio (organizadores)

ALBERTO ARONS DE CARVALHO
ANTÓNIO MACHUCO ROSA
CLÁUDIA ÁLVARES
CRISTINA PONTE
FERNANDO ILHARCO
FRANÇOIS HEINDERYCKX
GONZALO ABRIL CURTO
GUSTAVO CARDOSO
HOMI BHABHA
IEDA TUCHERMAN
ISABEL FERIN

TEORIAS E PRÁTICAS DOS MEDIA:

Situando o Local no Global.

JOSÉ BRAGANÇA DE MIRANDA
JOSÉ MARQUES DE MELO
MANUEL JOSÉ DAMÁSIO
MARGARITA LEDO
MASSIMO FELICE
MOISÉS LEMOS MARTINS
NICO CARPENTIER

10
(1)
S
50
45

Edições Universitárias Lusófonas

SECÇÃO 1
Lusofonia e Globalização

O(s) sentido(s) da relação Galiza-Países lusófonos

MARGARITA LEDO ANDIÓN
Universidade de Santiago de Compostela

> Utilizo a ideia de Nicolaus Notabene e advirto-os de que centro esta intervenção num prólogo, e o prólogo num 'estado de espírito', na forma de dizer do autor de *O conceito da Angústia,* outra vez na moda entre nós.

Neste momento, qual é o poder discursivo de um termo como *lusofonia*; que realidades tão diferentes abrange, desde uma nação sem estado, como a Galiza, a uma nação de estados, como o Brasil, que lhe concedem sentido? A Galiza e os países lusófonos, que daqui em diante serão designados como *lusofonia*, constituem ou não um lugar de encontro que em si mesmo determina a qualidade do debate, do intercâmbio e do desenvolvimento das ciências da comunicação? Olhamos ou não para nós próprios como um espaço geolinguístico que poderia tornar-se, tanto a nível económico como cultural, num activo justificável nesta visão conjunta?

São interrogações que, sem dúvida, contêm um desejo, muitas incertezas e uma coisa certa quanto a esse cenário plural e assimétrico, cujo fio funambular comum é a partilha de línguas que constituem um mesmo sistema linguístico, facto que deveria ser, por si só, uma peça de inestimável valor de utilização – e de mudança – para a circulação de objectos e sujeitos de comunicação.

A língua como o nosso quase que único material, como a nossa certeza, é também aquela que nos representa e que nos permite expressar.

Chegado a este ponto, recordo sempre uma cena do filme *Viagem ao princípio do mundo*, em que Manuel de Oliveira, reencarnado em Mastroiani, percorre os seus lugares na companhia de outras personagens, lugares que incluem o Colégio dos Jesuítas, da cidade de Tui. Por entre a sua *trupe*, anda um actor, o Afonso, filho de emigrantes portugueses que ao longo de todo o filme tenta ser aceite pela sua proveniência originária. E a irmã do seu pai, a tia Maria, erigida como ícone familiar, tanto como símbolo como em sinal da verdade do real, mantém sempre a tensão numa única frase: se ele é do nosso sangue, porque é que não fala a nossa língua?

De igual modo, o segundo número do *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona* confronta-nos com o valor da língua, com o sentido da língua, para além da sua função instrumental, através dos trabalhos cruzados de pesquisadores e pesquisadoras, de aqui e de além da fronteira que delimita a Galiza e Portugal. Pires de Brito e Moisés Martins têm uma preocupação com as relações entre a

língua e a identidade, enquanto o filólogo Henrique Monteagudo[1], aproximou-nos do significado político da regra, da norma aprovada em 2003 para o galego, com soluções mais próximas do português escrito que do espanhol, depois da UNESCO o colocar entre as línguas em perigo.

Já agora, para entrar nos aspectos que pretendo expor, talvez seja aconselhável fazer uma interrupção para verificar a diferença entre a *lusofonia* de discurso institucional e o discurso da comunicação e da cultura. Como reclamação e como mercado, as posições institucionais em prol da *lusofonia* – que poderíamos ampliar, com algumas variações, em relação às que afeitas se manifestam em torno da Euro-região Galiza-Norte de Portugal e deduzo que em relação a outras relações bilaterais – deixam vir à tona os desequilíbrios e a incidência desigual de uma ideia que segundo Ivo Castro teve grande disseminação em Portugal nas últimas décadas em dois âmbitos bem específicos: o âmbito das artes performativas, na busca de públicos, e no discurso económico industrial, à procura de consumidores.

O problema começou a partir do momento em que este ideologema difuso, tanto na sua fasquia propagandística como de perspectiva de negócio, se insere numa lógica unidireccional, que parte de Portugal em direcção aos países onde se fala a língua portuguesa, orientada pela antiguidade da 'pulsão unificadora' da gramática como chave para um pensamento comum.

Na análise que este Professor catedrático da Universidade de Lisboa e membro correspondente da Real Academia Galega efectua, o termo *lusofonia* é entendido, na Europa, como "palavra-passe" face aos mercados com base em estatísticas "emprestadas maioritariamento pelo Brasil" e, no plano mundial, o significado aproxima-se do reconforto, o significado aproxima-se do reconforto de uma comunidade de estados que se equipara com outras associações tipo francofonia ou *Commonwealth*. Porém, a partir desta constatação surge um panorama complexo em que se chama a atenção para a impressão de que os sentimentos e as manifestações pró-lusófonos são menos entusiásticos no Brasil, excepto em ambientes luso-portugueses. E no que se refere à África, o Professor Ivo Castro afirma que, 'mais do que laços lusófonos, o que importa às antigas colónias é um país europeu que acolhe a sua emigração e que se sente com deveres para com elas'.

Em relação ao caso galego, surgem pontos de vista como os de Rocha Trindade, que define a lusofonia num sentido alargado que tocaria 'uma ancestralidade, conhecida ou simplesmente provável, que com Portugal esteja relacionada'. O nosso autor de cabeceira questiona-se se a *lusofonia* terá ou não 'algum tipo de interesse para a Galiza, além do evocativo e do simbólico', uma vez que na compreensão do Professor Castro, a origem comum histórica, a fronteira comum, o mesmo habitat e cultura, fariam talvez mais sentido para a Euro-região numa estrutura bilateral.

1 - Monteagudo, Henrique, 'Outra Volta na Procura da Recendente Pantera? O acordo normativo de 2003 Antecedentes e Perspectivas' in *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Vol.2, nº 1, 2004

No entanto, à excepção de questões a curto prazo, a maior parte dos indícios na Galiza, falam-nos da vontade de associações académicas, culturais, de cidadania, artísticas, ou de comunidades, em se aproximar dos caminhos do mundo lusófono. Desde manifestações musicais como *Cantos na Maré* até à série documental *Terras de Acolá*, de 2007, escrita e dirigida por Luis Menéndez, seguida de outras séries deste mesmo autor como *Terras de Merlín* e *Terras de Leste. Terras de Acolá*, com 13 capítulos de 26 minutos, que descrevem desde travessias por Portugal, Brasil, países africanos, Timor-Leste ou pela fronteira Galiza-Portugal é, a primeira produção da Televisión de Galicia/Faro Producións vendida à Rádio Televisão Portuguesa. É também interessante referir a iniciativa da Fundação 'Vía Galego', 'de 2006, parceira da Normalização Linguística [do galego], com o seu olhar posto na circulação e no intercâmbio cultural nos territórios que pertencem ao sistema linguístico do galego-português.

Mas se existe alguma coisa que sobressai neste contexto é o programa educativo *Ponte...nas ondas* que levou até à UNESCO a proposta de que o património imaterial galego-português, associado a actividades relativas à água e à terra, a ofícios associados às necessidades da vida, da crença e da celebração e à literatura de tradição oral (regueifas e desafios), também muito ligada às cantigas de *escárnio e maldizer*, fosse reconhecido como património da humanidade.

Segundo argumenta uma das vozes da iniciativa, Santiago Veloso, 'o plano de salvaguardar este património deve realizar-se para lá das fronteiras administrativas e com a coordenação de instituições transfronteiriças (...) aproveitando os recursos tecnológicos da 'sociedade de informação' para aproximar o mundo das expressões desta cultura milenar'. Veloso salienta também que, para além da preservação e da transmissão de bens culturais, o actual processo de desagrarização põe em xeque o reforço das relações com os países lusófonos que partilham este património, contribuindo ainda para a seguinte possibilidade que, segundo a nossa perspectiva, consideramos digna de atenção ao permitir-nos extrapolar do particular para o geral:

> *Além disso (este reconhecimento internacional) restitui à cultura galego-portuguesa uma identidade transnacional, partilhada, face à tendência para a homogeneização cultural que vivemos no actual processo da globalização.*

Não é necessário insistir na distância cada vez mais marcada entre a insistência institucional em programas para um espaço empresarial, o mundo dos números, e pretendemos que, como mencionado anteriormente, nos movamos em prol de uma ideia em construção. Se tomarmos como exemplo um pensador que recentemente nos visitou, Rafael Argullol, Director do Instituto Universitário de Cultura da Universidade Pompeu Fabra, UPF, e da conferência 'Imagem, palavra, saber. O

educador contra o comunicador.' que decorreu a 18 de Junho de 2009 na sede do Conselho da Cultura Galega, observamos que o analista dirige o seu olhar crítico para as ciências sociais como ciências em situação de desordem, repletas de especialistas munidos de questionários que fazem previsões cada vez mais distanciadas da realidade, enquanto chama a atenção para a tradição, às escolhas dos nossos antepassados de modo a que nos sirvam de indicador nas nossas opções e também para tomarmos consciência de que aquelas somente existem 'como projecção ideal do que nós, desde o nosso presente lhes concedemos'. É, pois, a partir do presente que a *lusofonia* passará a existir como ideia que converge para um universo confuso de relações.

E Argullol guia-nos em direcção ao conceito de cosmos – e de cosmopolita – à pessoa como *polis*, à anotação de ordem em relação ao caos, e a Heráclito que afirma que uma elevada erudição não conduz à compreensão. Aproveito para recomendar a leitura comentada que Donaldo Schüler faz dos aforismos do grego, porque me permitiu aproximar, página após página, das 'palavras aladas' que fluem entre nós, do mundo da lusofonia e deixou-me situar no movimento das águas para poder participar de Heráclito. A unidade de acção e de reflexão, entre vida e pensamento, o conhecermo-nos através do conhecimento do que e de quem nos rodeia, do(s) outro(s) é, em suma, para Rafael Argullol, o trunfo do diálogo sobre o monólogo, do desejo de saber sobre a posse fria do saber, um trunfo ideal que sobrepomos a esse lugar-mundo que denominamos de *lusofonia.*

A primeira nota que pretendo agora sugerir tem a ver com o Estado-nação/nação sem Estado como um novo discurso a contemplar no espaço-mundo. Uma segunda nota refere-se à posição transcultural em relação à intercultural e vice-versa. E por último, como experiência, foi posta em marcha a partir de um projecto-piloto, 'Lusofonia, interactividade e interculturalidade', que deriva de um compromisso escrito no VII Congresso Lusocom em que, para além de atravessar múltiplos terrenos em que a comunicação contemporânea opera, aproximamo-nos da necessidade de estabelecer relações entre a ideia e a realização da ideia, entre a formação, a investigação e as respectivas aplicações, e fixá-lo daí em diante na construção de um lugar que, sob o sinal da igualdade, o respeito pelo outro e a diversidade, talvez possamos partilhar num processo em curso que não é senão mais do que a nossa incorporação na *altermundialização*.

É comum ouvir-se que o Estado-nação moderno não é o cenário onde as coisas estão a ter lugar e um autor de grande estima como Kevin Robins, que participou connosco no congresso internacional 'Comunicação na Periferia Atlântica', em 1995, um estudioso simultaneamente muito ligado a programas do Conselho da Europa, já abandonou esse paradigma para trabalhar a partir de um modelo transcultural. O que é importante assinalar é que no caso espanhol, com um Estado plurinacional ainda em construção, sem o reconhecimento e articulação assentes

ao nível institucional – excepto quando a razão pragmática e as contas eleitorais assim o reclamam para uma efémera política de alianças –[2] as nações sem Estado, denominadas na Constituição como 'nacionalidades históricas', não estão em condições de segregar dos seus sinais identitários a cultura e a política, ou ambas, da economia e, singularmente no caso da Galiza, da sustentabilidade ambiental. Pense-se, por exemplo, na reacção popular à chamada 'crise do Prestige' ou mesmo na falta de cortesia da oposição de um sector da oligarquia a uma medida do governo Bloque-PSOE para regular a energia eólica. No entanto, talvez estas nações estejam em condições não favoráveis para uma mudança de sentido e possam pensar em si próprias como espaço-mundo mesmo na sua relação com outros espaços-mundo, em acção, com o objectivo de lhe colocar uma ou outra tranca no andaime economicista e de *management* que nos invade e que espalha o seu ideário tanto na área académico-científica como na mediática.

Ao não poder ficar só como valor de mudança para os bens culturais que outorgam sentido ao discurso simbólico-político e de cidadania, isto é, ao discurso colectivo, as nações sem estado, do mesmo modo que outros espaços comunitários menos regrados que a nação-estado convencional [penso, entre outras, nas comunidades indígenas], poderiam ser um lugar onde a governação ocorresse e onde, sem entrar em contradição com a criatividade, a inovação/experimentação e mesmo a propriedade intelectual não tanto como *copyright* mas, desde a tradição europeia, como direito autoral, ou seja, moral, os bens das indústrias culturais não se avaliassem só pelo seu impacto económico nem se definisse a sua viabilidade apenas em termos de retorno monetário rápido.

Partilhar diferentes sistemas – o que se activa no campo sem limites de conhecimento, localizar os fios invisíveis de criação artesanal com a digital, por exemplo, observar modos de organização fluidos e harmoniosos em cada habitat próprio – analisar a necessidade de uma determinada ecologia na produção e circulação de conteúdos, saber, de forma definitiva, que lugar nos concede a palavra e qual a retira, implica ir ao encontro dos demais, dos outros, para partilhar. Mesmo quando falamos em bens mediados pelo digital, ou sobretudo quando falamos nestes bens em que há cooperação criativa, a utilização aberta, a adaptação de programas para necessidades específicas de cada contexto, estamos no cerne da palavra relação e da nova ideia de nação. E cito um colega nosso, o Professor Vitor Freixanes, numa intervenção recente no Congresso 'Lugares de Cultura: criatividade para o desenvolvimento', decorrido em Santiago de Compostela, de 21 a 24 de Janeiro de 2009, que se referiu à nação como um espaço de comunicação em que estar é criar conteúdos, é participar da própria cultura e da do outro.

Porque também nós, galegos e galegas, fomos mundo antes de sermos nação, tal como ouvi uma colega da Universidade da Amazónia afirmar no Intercom 2000, também a nossa diáspora de 400.000 cidadãos no activo, que hoje mesmo podem

2 - Feito que explicaria que o PSOE governe em Euskadi com o PP, enquanto em Madrid fá-lo com o apoio da coligação PNV-Bloque-ERC-CIU e que na Galiza tenha formado governo com o BNG.

decidir o resultado de umas eleições, a partir de mundos diferentes do nosso querem ser desta nação, a Galiza.

Em suma, é este *souci de l'autre*, no sentido que lhe atribui Maurice Blanchot quando fala dos intelectuais como essas pessoas que sentem (ou notam) a dor do que lhes falta, que reclamamos como alicerce da *lusofonia*. O intelectual, para poder materializar esse seu trabalho, colhe e vai para a praça, e vai para a praça devolver ao mundo o que ela e ele próprio perdera. Vai para a praça com o intuito de se salvar, ela e ele, de todo o irreal para onde, talvez, a sua obra os leva. É esta necessidade do outro como modo de se libertar de um 'eu' irreal, este ir para a praça, para a ágora pública, que dá ao corpo o processo, através do qual a sua obra passa a fazer parte da madeixa infindável com a qual são tecidas todas as relações que formam um espaço-mundo, um e plural, que nos junta hoje aqui.

Voltando a fixarmo-nos outra vez na posição de Kevin Robins, agora sobre a forma de pensar as políticas sociais e culturais, sobressai o que se denomina de novo tipo de movimentos, fluxos e ligações transnacionais em relação à Europa, um feito que o leva a repensar a identidade e a diversidade cultural, a procurar determinados sinais no que apresenta como espaços vitais inovadores, operativamente transnacionais, espaços que o levam a falar de 'diversidade transcultural', uma realidade na qual um discurso único, panorâmico ou abrangente não serve. Assim, no ponto de vista de Robins, a situação referida necessita de um novo modo de entender a política cultural [em síntese, uma nova ideação da política cultural] como um tema de pertenças múltiplas.

E considero que esta pertença múltipla é a que traz consigo, desde o nosso universo, o discurso da lusofonia. Vou dar um exemplo com base na minha própria experiência, na qualidade de autora de um texto publicado no número 5 do *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Faço-o como Presidente da Lusocom, Presidente da Agacom, primeira Vice-presidente da Associação Espanhola de Investigação em Comunicação, AEIC, Vice-presidente da Assibercom. Comecei a minha contribuição com a seguinte frase: que relação têm entre si estes diferentes acrónimos? Como marca deste incidente, no texto ficou só esta última frase destituída do seu referente nas diversas associações científicas que a justificam, pois que a editora, de boa-fé, deve ter pensado que essa teimosia em me conotar era um acto de distinção que não vinha ao caso, e anulou a prova da minha múltipla e decidida pertença.

Voltemos a Kevin e àquele que me atira da reflexão que desenvolve em prol obviamente das nações sem estado ou de outros espaços não governados que não deveriam conceber-se como *ghettos*, como fortalezas defensivas nem como monumentos inalteráveis, mas antes como diálogo (mesmo se ainda não tem sido expressado, não tem sido falado), como acordo (mesmo se ainda não passa pela escrita), como prática de governação, como ponto de partida em relação a um objectivo cuja lógica, cuja razão fica à margem do confronto das perspectivas nacional/transnacional, e se define, em trocas, pela participação.

Uma humilde campanha, de que fui uma das assinantes, que saiu mesmo antes das derradeiras eleições na Galiza, 'Se resides, decides', em prol do voto da imigração, entre o de outros colectivos, é um reflexo de posições como a supramencionada, posições que poderiam questionar, pelo contrário, o direito automático do voto para as *imagined communities*, ou mesmo a existência real das mesmas a não ser por necessidades contingentes como seria o regresso da diáspora galega em países como, agora, a Argentina.

Um aspecto paradoxal no argumento conclusivo de Robins chega-nos na forma de 'Defender a diversidade cultural num contexto transcultural', em que o autor, com base em trabalhos desenvolvidos no Conselho da Europa como *In Front of the Margins* (1997) e, de modo saliente, na *Decraración sobre a Diversidade Cultural* (2001), – os quais se articulam a partir da mestiçagem cultural como dinâmica para novos produtos – se deixa levar pela razão instrumental no sentido de se aproximar do emprego, sem reparar na sua ascensão como parte do discurso ideológico neoliberal. Na era da globalização, Robins deslumbra-se com um novo tópico, o da 'cidadania cultural', e faz do mesmo o cerne do projecto do Conselho da Europa, *Creating Cultural Capital for Democratic Diversity*. Para este autor, o desafio da política cultural europeia passa por considerar a diversidade transcultural como um recurso estrutural que, por outro lado, deveria ser alimentado com a finalidade de defender tanto a cidadania cultural como a economia criativa.

Na prática, e enunciando-o como uma mudança de paradigma, a existência de condições para a diversidade transcultural virá a depender da existência ou não de um marco político intervencionista, cooperativo e imaginativo, insiste Robins, em que o Estado-nação perderá força em prol de novos marcos onde muitas identidades e comunidades culturais estão, neste momento, a construir-se. Desta forma, uma aproximação mais cosmopolita aos novos direitos culturais está no horizonte desta Europa que se apresenta apenas sob o signo 'transcultural' e que, para nós, na realidade estaria mais perto da dinâmica 'intercultural'.

É importante centrarmo-nos nos exemplos concretos referidos algures neste texto-proémio; já demos conta que não são mais do que um elo no trabalho que expressa Rafael Argullol em prol da cultura como modo de existência, um trabalho que exige de nós a consciência de nos confrontarmos com a vertigem da actualidade. São exemplos que se prendem, intencionalmente, com posições anti-idealistas como as de Notabene (Soren Kieerkegard) e que me animaram a escrever um prólogo sem que tenha, ainda, uma obra – a da *lusofonia* – entre as mãos. Um proémio em si mesmo.

Em jeito de inventário, cito outra vez de maneira mais descritiva algumas das realizações de acordo com este modelo:

1. Pontenasondas.org: associação cultural e pedagógica que participou na VII Lusocom e que mantém relações contínuas com a Faculdade de Ciências da Comunicação da USC; foi a organização simultaneamente responsável pela candidatura perante a UNESCO, em 2005, e graças à mediação do governo português, de novo em 2008, do património imaterial galego-português. A Pontenasondas desenvolve certames de compilação da tradição oral (com o apoio da Consellería de Cultura da Xunta de Galicia, da Direcção Geral da Política Linguística, da Direcção Geral de Cultura do Norte de Portugal e da Direcção Geral de Educação do Norte de Portugal), para além de celebrar, em Junho de 2009, a 'XV Jornada Multimédia Interescolar'[3], e de colocar em funcionamento o 'Sistema dos Tesouros Vivos' que acolhe como modelo o registo de bens imateriais que existe no Brasil e em particular no Estado de Ceará.
2. Cantosnamare.org: em 2008, decorreu a 6ª edição deste festival internacional da Lusofonia, sob a direcção artística da cantora Uxía Senlle, que actuou para todos nós, no Congresso de Santiago de Compostela. A Cantosnamaré, CNM, conta com o apoio do Concelho de Pontevedra e reúne músicas de todos os países. A maior abundância activa é a CNMRede com a finalidade de estabelecer intercâmbios e concretizar trabalho em conjunto. Com o apoio da Consellería de Cultura e também da Consellería de Industria e Innovación do Governo Bipartidário que foi formado pelo PSOE e pelo Bloque Nacionalista Galego entre 2005 e 2009, para além do apoio do Instituto Camões, em 2007, a CNMRede reuniu mais de 100 agentes culturais internacionais da Galiza, Portugal, Angola, Cabo Verde e também da Bélgica e do Reino Unido, para começar a construir, em linha com as áreas criativas, o MACC, Mercado Atlántico da Creación Contemporánea.
3. Também no mundo da academia, em 2006, estabelece-se uma rede de universidades com o nome de Centro de Estudos Euro Rexionais, CEER, dinamizada singularmente pela Universidade da Coruña e pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com o objectivo de articular um espaço para a difusão da informação 'relacionada com a ciência, a inovação, o conhecimento e a excelência'. No respectivo Conselho Científico, para além de membros das três universidades públicas galegas, estão também professores das Universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro, do Minho, do Porto, de Lisboa, Coimbra e de Castilla-La Mancha.

3 - Celebrada no dia 5 de Junho de 2009, contou com a participação activa dos alunos e alunas do 2º curso da Licenciatura de Comunicação Audiovisual da Faculdade de Ciências da Comunicação da USC, que realizaram um *magazine* televisivo em directo, via Internet, com duas horas de duração, com diferentes personagens e práticas representativas do património imaterial.

Mais, e se apesar de repetidas as declarações institucionais e de ensaio de alguns programas de políticas públicas, a possibilidade de um mapa da lusofonia não conclui o objectivo de se concretizar, talvez uma das fasquias determinantes para avançar na solução deste beco sem saída esteja em sermos capazes de localizar as barreiras, com e para além da questão linguística, que colocam obstáculo a esta realidade potencial, realidade sobre a qual consideramos inúmeros sintomas, em alguns casos como doença mas noutros também como gozo existencial, a retomar desde Zizek essa dupla aceitação lacaniana que marca a diferença entre sintoma/*synthom*, neste caso para se referir ao que lhe dá prazer.

E foi nesta paisagem sintomática onde cresceu um projecto que concorreu e ganhou uma das ajudas do programa de Inovação INCITE da Consellería de Industria da Xunta de Galicia, um projecto que se intitula de 'Lusofonia. Interactividade e interculturalidade', um projecto em rede, que parte de um lugar exacto, da Universidade de Santiago de Compostela que o hasteou, e que tem como parceiros a Universidade Católica de Rio Grande do Sul, a PUCRS, em Porto Alegre, no Brasil, e a Universidade da Beira Interior, da Covilhã, em Portugal, para além de contar com grupos de colaboradores na Guiné Bissau e em Moçambique, ou na Universidade da Bahia, destino migratório de galegos.

O objectivo que dá asas ao projecto é o de determinar quais são as razões práticas que impedem a circulação de produtos audiovisuais, neste caso, na língua galega, no espaço lusófono. Que produtos e para que públicos, são as questões que organizaram a anteriormente mencionada proposta de investigação nos parâmetros de um complexo estudo de recepção que vai exigir, tanto ao nível metodológico como tecnológico, desenvolver um mecanismo de trabalho muito próximo do objecto e dos objectivos que dão forma a este projecto.

Uma mostra representativa de produções audiovisuais na língua galega vai estabelecer uma relação com uma série de grupos de recepção em três pontos qualitativamente diferentes do espaço lusófono: Guiné Bissau, Brasil e Portugal. Como tarefa prévia foi desenvolvida uma ferramenta online específica que, em finais de 2009, estará pronta para a fase central desta pesquisa que, no que se refere à localização e análise, pretende servir para derrubar barreiras.

No VII Congresso Lusocom[4] as relações científicas entre as diferentes associações estabilizaram e permitiram o surgimento de alguns aspectos de interesse para os diferentes países da macro-área; em todos e em cada um dos nossos encontros foram definidos compromissos, entre os quais, tornar acessíveis os produtos da comunicação e da cultura através do ciberespaço e, a nível conceptual, foi sendo configurado um novo modo de pensar o sentido da lusofonia como parte de outros espaços e expressou-se o desejo de juntar grupos de trabalho em rede. Este primei-

4 - 'Comunicación Local: da pesquisa á produción', Santiago de Compostela, dias 21 e 22 de Abril de 2006

ro projecto de pesquisa conjunta dá resposta a esse desejo e os seus objectivos específicos são os seguintes:

1. Localizar, a partir do estudo da recepção de produtos-modelo, as barreiras de tipo linguístico, cultural (na sua acepção antropológico-simbólica e histórica) e de tipo político, em particular as barreiras que derivam das políticas actuais de comunicação, que param a circulação de produtos audiovisuais na língua galega na área da lusofonia. Organização das mesmas por categorias.
2. Elaboração de uma apresentação tipológica, que inclui ficção cinematográfica e televisiva, documentários e mais animação, a partir de catálogos de produção que as empresas oferecem na Internet. Análise do conteúdo.
3. Sistematização de certos motivos e modos na dramaturgia, que podem funcionar como indicadores da 'colocação em cena' e dos estilos dominantes na criação audiovisual na Galiza.
4. Análise comparativa da recepção dos diferentes produtos e classificação temática, formal e tipológica dos produtos que têm uma melhor circulação.
5. Criação de um sistema de gestão de conteúdos para avaliar e testar as barreiras da comunicação no espaço da Lusofonia.
6. Resultados e recomendações para a sua aplicação neste âmbito, configurado por um elo linguístico que não foi habitualmente incorporado nos debates sobre o intercâmbio de pessoas, ideias e produtos na mundialização.

Como marco geral, o projecto pretende aprofundar o conhecimento estrutural da indústria audiovisual desde a sua consideração – de acordo com as posições do Conselho da Europa ou da própria UNESCO – como construtora da identidade/diversidade, ao mesmo tempo que esta diversidade não se reduz a um simples valor de mercado. É necessário ter em conta que a nossa preocupação em entender o espaço Galiza-Países Lusófonos como uma possibilidade que nos permita intervir activamente na definição do processo de mundialização a partir de uma área geo-linguística e pluricultural específica, uma área que nos identifica e que, repetimos como tema central, poderia funcionar como uma mais-valia, para além de demonstrar a viabilidade da *lusofonia* como cenário real. Semente de uma experiência de futuro no campo intercultural, na base de diferentes línguas e variantes fonológicas de um mesmo sistema, a *lusofonia* é esse lugar que gera expectativas e que, seguindo as ideias de Armand Mattelart, não deve ficar no empirismo instrumental mas, pelo contrário, tem que adquirir uma certa distância de um conceito tradicional de 'comunidade imaginada', que pode não permitir passar o determinismo a que nos submetem as estratégias de *marketing* e de *management* que, na opinião do Professor de Paris-Saint Denis:

> *Fizeram da diversidade cultural uma noção operativa construída no princípio de segmentação transnacional dos objectivos das 'comunidades de consumidores'. Desta forma, anteciparam o feito de que as novas tecnologias de armazenamento de informação e de estabelecimento de perfis permitissem produzir diversidade de maneira estandardizada.*

Quando, em Compostela, aceitamos a candidatura de Luanda, esta Lusocom iria tratar de 'Comunicação e Educação'. Mas não foi possível que tal decorresse nesse lugar. E porque cada âmbito, para nós, não é um adjectivo mas sim um substantivo, e porque a diversidade não admite, entre nós, estandardização, ao virmos para Lisboa e para a Universidade Lusófona, o círculo linguístico direccionou-nos para a 'Comunicação, Política e Tecnologia'. Com as de aquém e de além, que a oitava Lusocom que agora começa seja uma viagem fraterna e segura para ser celebrada nos diferentes portos de chegada.

Referências bibliográficas

Argullol, R. (18 de Junho de 2009), 'Imagen, palabra, saber. El educador contra el comunicador', conferência decorrida no CCG, Santiago de Compostela.

Castro, I. (Outubro-Novembro-Dezembro 2008), 'Galiza no espaço cultural e simbólico da lusofonia' *in GRIAL, Revista Galega de Cultura*, núm.180, Volume XLVI.

Mattelart, A. (2002), *Geopolítica de la Cultura*, LOM, Santiago de Chile.

Monteagudo, H. (2004), 'Outra Volta na Procura da Recendente Pantera? O Acordo Normativo de 2003 Antecedentes e Perspectivas' *in Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Vol.2, núm.1.

Robins, K. (Setembro 2008), 'El reto de las diversidades transculturales', *in Revista CIDOB d'affers internacionals*, 82-83, Fundació CIDOB,, Barcelona. ISSN 1133-6595.